

CARL DE SOUZA



DOMINIQUE FAGET



Destroços depois das tempestades em Petrópolis (D) e refugiados de inundações em Bangladesh: aquecimento do planeta coloca a humanidade em risco e acentua desigualdades sociais

"Atlas do sofrimento humano"

Foi assim que o diretor-geral da ONU definiu o novo relatório sobre os impactos das mudanças climáticas. Baseado em evidências científicas, documento aponta que metade da população mundial já paga caro pelo aquecimento do planeta

» PALOMA OLIVETO

Metade da população mundial — 3,3 a 3,6 bilhões de pessoas — já paga um preço alto pelas mudanças climáticas e, mesmo que a meta mais ambiciosa do Acordo de Paris seja cumprida, haverá "impactos severos e irreversíveis" nos ecossistemas, com consequências graves para abastecimento de água, energia e segurança alimentar. Os alertas são do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas da Organização das Nações Unidas (IPCC/ONU), um grupo que reúne cientistas independentes internacionais para, a partir de centenas de pesquisas, apresentar os cenários futuros de um planeta cada vez mais quente.

O volume 2 do sexto capítulo da publicação, que serve como base para as discussões das conferências climáticas da ONU, as COPs, destaca as perdas e danos associados às mudanças climáticas. "O relatório de hoje é um atlas do sofrimento humano, é um testemunho constrangedor da falta de liderança climática", afirmou o secretário-geral da ONU, António Guterres, na coletiva de imprensa onde os resultados foram apresentados. Bastante irritado, criticou o setor privado por fazer promessas de corte de emissões sem, contudo, tomar medidas. Também cobrou de governos ações robustas, como o fim do uso de carvão mineral

até 2040. "Eu vi muitos relatórios científicos durante minha carreira, mas nenhum como este."

O resumo do relatório *Mudanças Climáticas 2022: Impactos, Adaptação e Vulnerabilidade* foi aprovado no domingo por 195 governos membros do IPCC em uma sessão virtual e apresentado ontem. O documento destaca que o aumento das ondas de calor, secas e inundações já está excedendo os limites de tolerância de plantas e animais, levando à mortalidade em massa. Cada décimo adicional de calor, diz o painel, pode levar ao desaparecimento de até 14% das espécies terrestres.

Geografia

Esses extremos climáticos estão ocorrendo simultaneamente, causando impactos em cascata cada vez mais difíceis de gerenciar, diz o IPCC. Eles expuseram milhões de pessoas à insegurança alimentar e hídrica aguda, especialmente na África, Ásia, América Central e do Sul, em Pequenas Ilhas e no Ártico. "Essa vulnerabilidade tem cor, raça, gênero, etnia e geografia", comenta Patrícia Pinho, um dos autores do relatório e pesquisadora do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia. "A grande mensagem é que a mudança climática é um brutal agravador de desigualdades e um perpetuador da pobreza", acredita Stella Herschmann, especialista em política climática do Observatório do Clima.

JOSE JORDAN



Eu vi muitos relatórios científicos durante minha carreira, mas nenhum como este",

António Guterres,
secretário-geral da ONU

O relatório destaca que um dos ecossistemas afetados é a Floresta Amazônica, onde os impactos das mudanças climáticas e do desmatamento produzem "perdas severas e irreversíveis de serviços ecossistêmicos e biodiversidade", caso a temperatura, no fim do século, esteja 2°C acima da registrada

na era pré-industrial. O documento mostra que doenças que já são desafiadoras para regiões tropicais, como a dengue, podem afetar bilhões de pessoas em outras posições geográficas devido ao aumento da área de incidência do mosquito transmissor, *Aedes aegypti*.

Jeffrey Kargel, cientista do Instituto de Ciências Planetárias de Tucson, no Texas (EUA), se diz "chocado" com as revelações do IPCC. "Os impactos listados — como secas, inundações, precipitação e abastecimento de água, furacões, derretimento de geleiras e camadas de gelo, aumento do nível do mar, derretimento do gelo marinho do Ártico e incêndios florestais — foram previstos por décadas. No entanto, admito estar chocado e surpreso com a rapidez e a intensidade com que eles estão se acumulando. Pessoas ao redor do mundo estão observando com seus próprios olhos em suas próprias cidades, vilarejos e fazendas."

"Este relatório reconhece a interdependência do clima, da biodiversidade e das pessoas e integra as ciências naturais, sociais e econômicas mais fortemente do que as avaliações anteriores do IPCC", disse Hoesung Lee, presidente do IPCC. "Ele enfatiza a urgência de ações imediatas e mais ambiciosas para lidar com os riscos climáticos. Meias medidas não são mais uma opção", comentou.

"Em cidades, o número de pessoas expostas a secas e enchentes muito provavelmente mais do que dobraria entre 2000 e 2030, com 350 milhões de pessoas a mais expostas a escassez hídrica devido a secas com 1,5°C de aquecimento", diz o relatório. "Muitos impactos de trajetórias de overshoot (quando se ultrapassam os limites seguros) seriam irreversíveis numa escala de séculos a milênios." Entre eles, estão a possibilidade de derretimento de geleiras e solos congelados (permafrost) e a perda de habitats costeiros. E isso se o mundo conseguir alcançar a meta mais ambiciosa do Acordo de Paris, limitando a 1,5°C o aumento da temperatura em 2100, tendo como base o fim do século 19. Desde essa época, o mundo está 1,1°C mais quente e, segundo os especialistas do IPCC, até 2030 (uma década antes do previsto), aumentará mais 0,4°C.

"À luz dos compromissos atuais, as emissões globais vão aumentar quase 14% na década atual. Isso representará uma catástrofe. Vai destruir qualquer chance de manter viva a meta de 1,5°C", destacou António Guterres, apontando o dedo para os grandes países emissores. Para abril, é esperado o terceiro capítulo do relatório, onde serão apresentadas soluções para reduzir as emissões de gases de efeito estufa. Porém, o documento atual enfatiza que muitas das tendências previstas pela ciência já podem ser consideradas irreversíveis.

Palavra de especialista

Ameaça ao bem-estar

"A evidência científica cumulativa deste relatório é indiscutível: a mudança climática é uma ameaça ao bem-estar humano e à saúde do planeta. Este relatório baseia-se nas mensagens dos documentos anteriores do IPCC, mostrando que os impactos e riscos climáticos estão se proliferando em níveis específicos de aquecimento global. Enquanto ações de adaptação (e mitigação) estão sendo tomadas em todo o mundo, há crescentes lacunas no que diz respeito a evitar e reduzir riscos, bem como lidar com impactos e riscos evitáveis e inevitáveis. Os limites de adaptação serão alcançados em breve nos sistemas naturais e humanos sem ação urgente sobre adaptação e mecanismos de perdas e danos. A ambição global de 1,5°C na mitigação do clima é real: além desse nível de aquecimento, os impactos e riscos se tornarão cada vez mais existenciais e irreversíveis",

Reinhard Mechler, um dos autores do relatório e pesquisador do Instituto Internacional de Análises de Sistemas Aplicados

SAÚDE

Atividade de força reduz mortalidade

Entre 30 e 60 minutos de atividades de fortalecimento muscular por semana está associado a um risco de 10 a 20% menor de morte por todas as causas, especialmente doenças cardiovasculares, diabetes e câncer, segundo um estudo do *British Journal of Sports Medicine*. Os resultados independem da parática de exercícios aeróbicos.

As diretrizes de atividade física recomendam práticas regulares de fortalecimento muscular para adultos, principalmente devido aos benefícios conhecidos para a saúde

do sistema musculoesquelético. Exemplos incluem levantamento de pesos, trabalhar com bandas de resistência; fazer flexões, abdominais e agachamentos, ou praticar jardinagem pesada, como cavar.

Pesquisas anteriores indicam que a atividade de fortalecimento muscular está associada a um menor risco de morte, mas não se sabe qual pode ser a dose ideal. Para tentar descobri-la, os cientistas foram atrás de bancos de dados, em busca de estudos observacionais relevantes, que

Ana Rayssa/Esp. CB/D.A Press



A musculação é uma das práticas citadas no estudo

incluíam adultos sem grandes problemas de saúde, e que haviam sido monitorados por pelo menos dois anos.

Combinação

A análise final incluiu 16 estudos. O primeiro foi publicado

em 2012, e a maioria foi realizada nos EUA, com o restante na Inglaterra, Escócia, Austrália e Japão. O período máximo de monitoramento durou 25 anos. O número de participantes variou de quase 4 mil a 480 mil, sendo que as idades eram entre 18 a 97 anos. Doze pesquisas incluíram homens e mulheres; duas apenas homens, enquanto três foram realizadas somente com mulheres. Todos os artigos consideraram atividades aeróbicas e exercícios de fortalecimento muscular.

A análise de dados agrupados mostrou que as atividades de fortalecimento muscular foram associadas a um risco 10 a 17% menor de morte por qualquer causa, especialmente por doença cardíaca e acidente vascular cerebral; câncer de pulmão e diabetes. Nenhuma ligação foi encontrada

entre esse tipo de atividade e um risco reduzido de alguns tipos específicos de câncer, como os de intestino, rim, bexiga ou pâncreas.

A redução máxima do risco — entre 10 e 20% — foi evidenciada quando se praticaram de 30 a 60 minutos por semana de atividades de fortalecimento muscular. A análise conjunta de exercícios de força e aeróbicos mostrou que, quando combinadas, podem diminuir ainda mais a mortalidade por qualquer causa (40%), doenças cardiovasculares (46%) e câncer (28%).

Os pesquisadores reconhecem certas limitações às suas descobertas. A principal delas foi que os dados de apenas alguns artigos foram agrupados para cada um dos resultados avaliados. Os cientistas afirmaram que mais estudos são necessários para confirmar as descobertas.